

As pias dos Mouros

Argeriz — Carrazedo de Montenegro

POR

Adérito Medeiros Freitas

Professor efectivo do Liceu Nacional de Guimarães

Este trabalho foi apresentado, em Junho de 1978, ao Colóquio Histórico-Arqueológico da região de Chaves, feito aquando da celebração dos 1900 anos de *Aquae Flaviae*. Damos a seguir os títulos das comunicações que foram programadas, e nomes dos seus autores.

Comemorações dos XIX séculos do Município de Chaves (Aquae-Flaviae) **Colóquio Histórico-Arqueológico (15 a 18 de Junho de 1978)**

Serão apresentadas, no Salão Nobre da Câmara Municipal de Chaves, as seguintes comunicações:

Dia 15 — Quinta-feira — às 21,30 horas

Prof. Doutor Santos Júnior: — «As gravuras rupestres do Outeiro Machado».

Dr. Adérito Medeiros Freitas: — «Pias dos Mouros».

Prof. Doutor Armando Coelho Ferreira da Silva: — (em coordenação com os trabalhos em curso de dois grupos de flavienses alunos da Faculdade de Letras da Universidade do Porto): — «Para uma carta Arqueológica da Região de Chaves».

Prof. Doutor D. Fernando de Almeida: — «Mineração do ouro na área de Aquae-Flaviae».

Dia 16 — Sexta-feira — às 21,30 horas

Padre Adolfo de Magalhães: — «A romanização da Região de Chaves».

Dr. Adriano Vasco Rodrigues: — «Deuses e gentilidades proto-romanas da Região de Aquae-Flaviae».

Cónego Dr. Luis Vaz: — «Idácio e a sua época».

Arcebispo-Bispo D. António Xavier Monteiro: — «A Igreja de Chaves no XII Concílio de Toledo (ano de 681)».

Dia 17 — Sábado — às 21,30 horas

Dr. Fernando Castelo Branco:

I — «Fontes Flavienses dos Arquivos e Bibliotecas de Lisboa — Memórias Paroquiais de 1758».

II — «Fontes Flavienses dos Arquivos e Bibliotecas de Lisboa — Documentos da Torre do Tombo e Biblioteca Nacional».

Dr. José Timóteo Montalvão Machado: — «Fastos e infortúnios de Chaves e seu termo.»

Dia 18 — Domingo — às 15,30 horas

Sessão solene em que dirão algumas palavras de saudação e relativas aos XIX Séculos do Município de Chaves (Aquaeflaviae): o Presidente da Câmara Municipal de Chaves, o Prof. Doutor Santos Júnior e, finalmente, Sua Excelência o Senhor Presidente da República, General Ramalho Eanes.

Finda esta, haverá uma visita ao Museu Militar de Chaves (inaugurado para as «Comemorações») e às novas Secções do Museu da Região Flaviense e Biblioteca Municipal.

INTRODUÇÃO

A portaria n.º 269/78 de 28 de Março e publicada no Diário da República de 12 de Maio de 1978, emanada da Secretaria de Estado da Cultura, estabelece as «normas reguladoras da actividade arqueológica que permitam a organização de planos nacionais e evitem uma descoordenação e indisciplina que reveste aspectos profundamente negativos no que se refere à salvaguarda do património».

Na realidade, entre a realização de um trabalho de escavações mal planeado e pior orientado e a não realização de qualquer trabalho, não temos dúvidas em optar pelo segundo sistema.

Bastará, no entanto, para a «salvaguarda do património» conforme o expresso nesta portaria, que os monumentos arqueológicos sejam escavados por técnicos competentes segundo as mais modernas técnicas concebidas para o efeito, apoiadas por laboratórios especializados e, no final, depois de estudados e classificados, publicar os resultados das escavações?

Que é que se tem feito para proteger todos esses monumentos arqueológicos conhecidos, estudados ou não, e todos

aqueles que, a cada momento, a lavoura de um terreno, a construção de um edifício público ou particular, a abertura de um caminho ou o alargamento de uma estrada, o levantamento de um pavimento para a instalação de esgotos, abastecimento de água ou montagem de cabos eléctricos ou telefónicos, continuamente põem a descoberto?

Será que a existência de umas tantas disposições legais ou a classificação de «*monumento nacional*» é suficiente para dar uma protecção necessária e adequada a todos esses testemunhos do passado? Eles constituem, porém, muitas vezes, mais uma página da história cultural de um povo!...

Como exemplo, citemos alguns casos relativamente recentes ocorridos nas proximidades desta cidade de Chaves:

- Destruição completa, há alguns anos, de um castro próximo do S. Caetano. Toda a pedra daí retirada teria sido utilizada para brita das estradas dos Serviços Florestais.
- Destruição da muralha mais interna do Castro de Curalha numa extensão de, aproximadamente, cinquenta metros. Isto passou-se há cerca de 15 anos e a pedra daí retirada foi utilizada na pavimentação das ruas daquela povoação.
- Mais recente ainda (1977?), foi destruído o Castro de Cimo de Vila da Castanheira, para dar lugar a um campo de futebol.
- Outeiro Machado foi amputado de uma parte por meio de uma carga explosiva. Causa possível, a procura de tesouros.
- No monte do Crasto próximo da povoação do mesmo nome a poucos quilómetros de Valpaços, foram postas a descoberto e destruídas ou pelo menos danificadas (1977?), duas campas com tampa, do tipo antropomorfo, contendo ainda, uma delas, um esqueleto intacto.
- O interessantíssimo Castro de Ribas (freguesia de Argeriz) continua a ser destruído por empreiteiros e particulares que ali vão buscar a pedra aparelhada que necessitem para as suas obras. Dentro de poucos anos

restar-nos-á olhar desolados para o que ficou deste importante monumento, que já foi ocupado pelos romanos, e lamentar a não existência de leis capazes de pôr cobro a esta destruição monstruosa, por ignorância de uns e por desleixo de outros.

Pondo de parte a própria acção destruidora do tempo, que é também necessário combater, a maior parte das estações arqueológicas portuguesas, salvo algumas excepções, são coisas que dia a dia se maltratam e destroem, mesmo depois de escavadas, estudadas e classificadas. E tudo isto à vista de todos, sem que alguém apareça a investigar, a verificar e a relatar o que se passa. Mas, valerá na realidade a pena investigar e relatar o que se passa? Que alguém tenha sido condenado por destruir uma anta ou um castro é coisa que, creio bem, jamais aconteceu!...

Na impossibilidade de os proteger da sua danificação ou mesmo destruição, cumpre-nos a obrigação de os dar a conhecer apresentando, deles, uma descrição tão completa quanto possível. Deste modo, mesmo desaparecidos, poderão continuar a dar a sua contribuição a estudos que, posteriormente, alguém pretenda realizar.

Foi, exclusivamente, com esta finalidade, que aceitei vir aqui dar a conhecer as características que nos apresenta o monumento arqueológico designado por *Pias dos Mouros*.

SITUAÇÃO

As *Pias dos Mouros*, designação local por que é conhecido este interessante monumento, encontra-se situado na freguesia de Argeriz, concelho de Valpaços. O seu nome alude, naturalmente, a duas cavidades rectangulares (*pias*), elementos mais evidentes de todos os que entram na sua estrutura.

De fácil acesso a pé, dista cerca de duzentos metros da estrada nacional n.º 206. Quem, de Chaves ou de Carrazedo de Montenegro, passando por Argemil, se dirija a Valpaços,

encontrará as Pias dos Mouros à direita do desvio para o Pereiro, num pinhal pertença da família Lobo, de Argeriz. Basta, para isso, partindo do dito desvio, seguir sempre pelo pinhal contornando um terreno de cultura anexo.

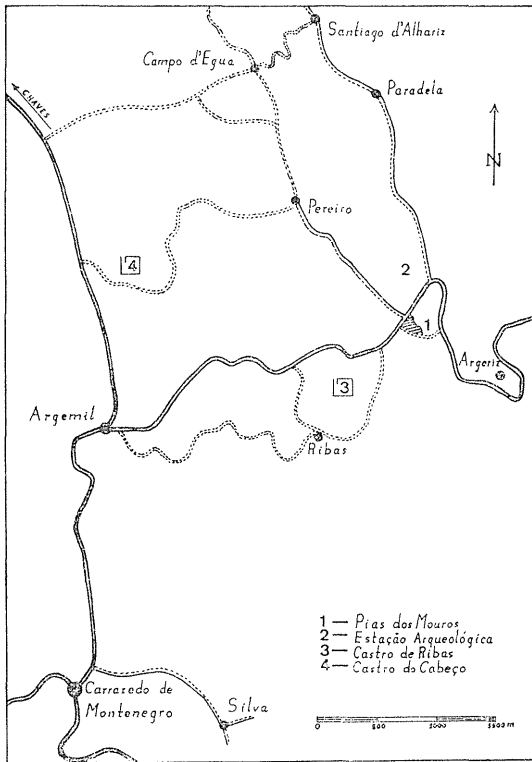


Fig. 1 — Situação do santuário das «Pias dos Mouros».

A designação de *Fonte dos Mouros* que me foi referida por algumas pessoas de Argeriz deve-se, possivelmente, a nascentes existentes nas proximidades, pois que o subsolo local é muito rico deste precioso líquido, e não ao monumento propriamente dito, cujas cavidades só na época das chuvas se encontram cheias de água.

Cortado, aproximadamente, pela curva de nível dos 675 m, este monumento encontra-se no limite das chamadas *terra fria* e *terra quente* trasmontanas, voltado para a bacia de Mirandela. Foi cavado em rocha granítica, mas muito próximo do contacto com formações metamórficas antigas. Parece-me digno de interesse referir, que alguns dos fragmentos de rochas que se encontram neste e noutros monumentos da região não são conhecidos como pertencentes a espécies petrográficas existen-

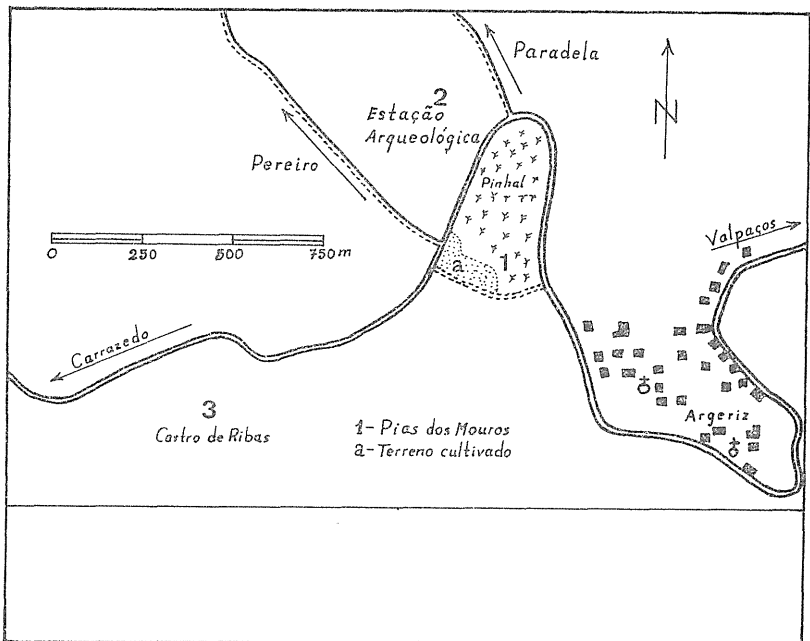


Fig. 2 — Pormenor da figura anterior.

tes nas proximidades. Estão, neste caso, os fragmentos de *ardósia* encontrados nas *Pias dos Mouros* e o *anfíbolito* que foi utilizado como matéria-prima para o fabrico de *machados do neolítico* numa estação arqueológica que dista, desta, cerca de 700 m apenas.

FORMA E MEDIDAS

Da estrutura das Pias dos Mouros fazem parte, além das duas cavidades rectangulares dispostas paralelamente uma à outra e a que se deve, provavelmente, o seu nome, um conjunto

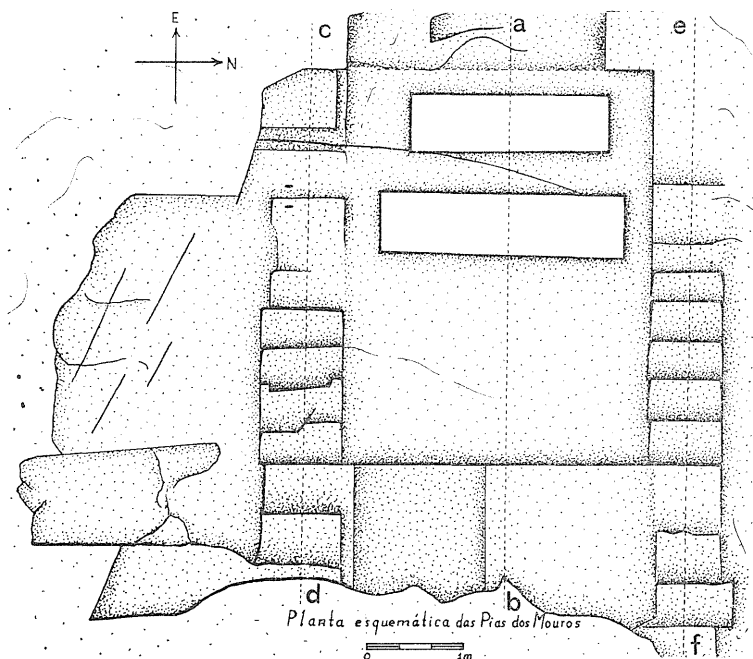


Fig. 3 — Esquema das pias dos mouros das 2 séries de escadas.

de degraus dispostos em duas séries e num total de vinte. Estas duas séries são paralelas, orientadas aproximadamente no sentido E-W e distam, uma da outra, 3,10 m. A diferença de nível entre o primeiro e o último degrau é, no máximo, de 94 cm.

A rocha granítica onde foi cavado este monumento, encontra-se ao nível do terreno e levemente inclinada para nascente.

Trata-se de um granito equigranular, de grão fino a médio, de duas micas, mas com predomínio de moscovite.

A superfície actualmente a descoberto desta rocha, deve rondar os 54 metros quadrados. A área verdadeiramente ocupada pelo monumento é, no entanto, um pouco menor — cerca de 30 metros quadrados.

Cavidades (pias):

- a) *Cavidade menor*: — Cavada, aproximadamente, no sentido N-S tem secção rectangular, com as seguintes medidas: comprimento 2,02 m; largura, máxima no

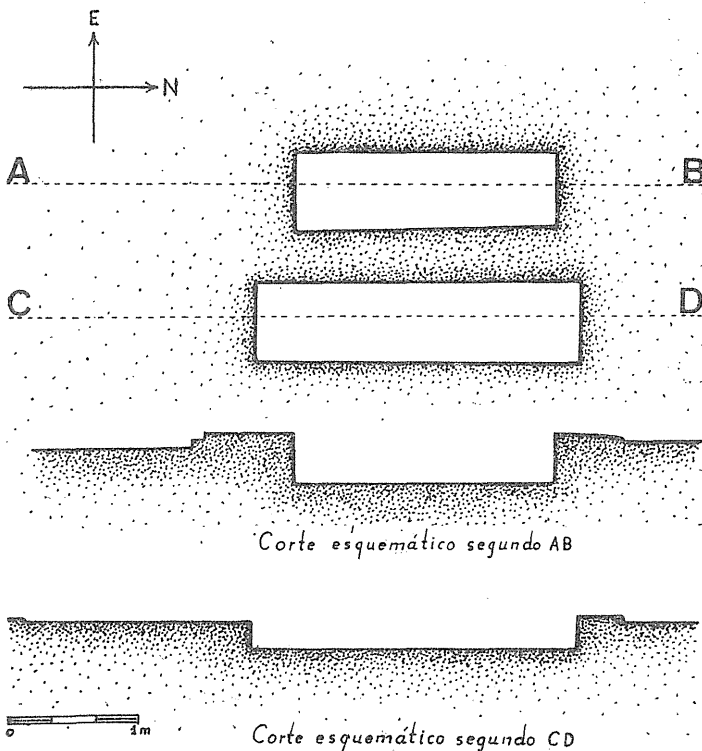


Fig. 4 — Projecção ortogonal e cortes esquemáticos das pias.

topo do lado sul 0,60 m e mínima no topo do lado norte 0,56 m; profundidade máxima 0,40 m e mínima 0,27 m.

- b) *Cavidade maior*: — Tem secção rectangular como a anterior, em relação à qual se dispõe paralelamente. Possui as seguintes medidas: comprimento 2,47 m; largura, máxima no topo do lado norte 0,61 m e mínima no topo do lado sul 0,60 m; profundidade máxima de 0,35 m e mínima de 0,16 m.

A profundidade desta segunda cavidade (pia) é muito mais variável do que a da anterior. Esta irregularidade na profundidade deve-se, principalmente, à própria irregularidade da superfície da rocha onde foi cavada.

Não possuem, estas cavidades, encaixes a toda a volta como acontece, por exemplo, no monumento de Panoias. Porém, o rebordo mais elevado da cavidade menor, foi desgastado e aplanado em todo o seu comprimento e numa largura de 25 cm. Estará, este desgaste, relacionado com a existência de alguma cobertura?

Degraus:

- a) *Série cd da figura 3* — É constituída por 8 degraus com a altura, comprimento e largura variáveis. A diferença de nível entre o primeiro e o último é de, apenas, 90 cm. Vamos descrevê-los, numerando-os de 1 a 8 na direcção ascendente.

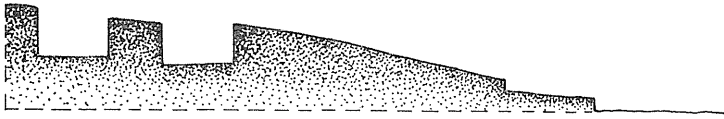
1 — Comprimento mal definido. Este degrau, bem limitado no topo do lado norte, prolonga-se na direcção sul por um ressalto natural da rocha até um metro e oitenta centímetros; larguras, máxima no topo do lado sul 14 cm e mínima no topo do lado norte 13 cm; altura 20 cm.

- 2 — Comprimento máximo 53 cm e mínimo 48 cm; largura, máxima no topo do lado norte 40 cm, mínima no topo do lado sul 30 cm, e, ao centro, 35 cm; altura 3 cm.
- 3 — Comprimento 90 cm; largura 50 cm; altura 5,2 cm.
- 4 — Comprimento 71 cm; larguras, máxima no topo do lado norte 52 cm e mínima no topo do lado sul 46 cm; altura 17 cm.
- 5 — Comprimento 74 cm; largura variável, em virtude de apresentar duas pequenas escavações laterais penetrantes do degrau número 6: máxima no topo do lado sul 49 cm, mínima ao centro 41 cm e média no topo do lado norte 42 cm.
- 6 — Comprimento 81 cm; largura variável, condicionada pelas características do degrau anterior: máxima (ao centro) 41 cm; mínima no topo do lado norte 32 cm e média no topo do lado sul 35 cm; altura 5 cm.
- 7 — Comprimento 83 cm; largura 39 cm e altura 4 cm.
- 8 — Comprimento 71 cm; largura 114 cm e altura 3 cm.

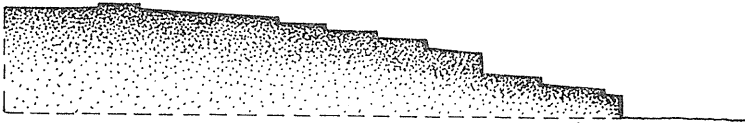
b) *Série ef da figura 3* — Constituída por 12 degraus de comprimento, largura e altura variáveis. Entre o primeiro e o último degrau há um desnível de 94 cm. Como no caso anterior, vamos numerá-los de 1 a 12 na direcção ascendente.

- 1 — Comprimento 61 cm; largura variável sendo, ao centro, 40 cm; altura 6 cm.
- 2 — Comprimento 78 cm; largura 44 cm e altura 11 cm.
- 3 — Comprimento 65 cm; largura 50 cm e altura 10 cm.
- 4 — *Muito irregular e inclinado, verificando-se um desnível de 10 cm.* Comprimento não definido, pelo facto de não se encontrar limitado convenientemente do lado sul; largura 70 cm e altura 4,5 cm.
- 5 — Comprimento 71 cm; largura 43 cm e altura 3,5 cm.

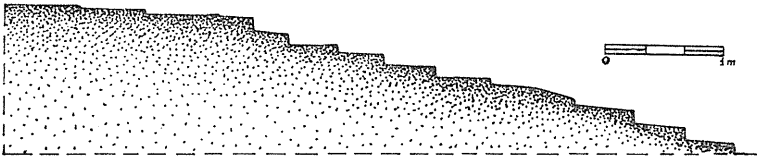
- 6 — Comprimento 70 cm; larguras, máxima no topo do lado sul 47 cm e mínima no topo do lado norte 42 cm.



Corte esquemático segundo ab, interceptando as pias.



Corte esquemático segundo cd, interceptando os degraus da esquerda



Corte esquemático segundo ef, interceptando os degraus da direita

Fig. 5 — Corte esquemático das pias e dos degraus da Fig. 3.

- 7 — Comprimento 72 cm; largura 73 cm e altura 8 cm.
 8 — Comprimento 70 cm; largura 40 cm e altura 8 cm.
 9 — Comprimento 72 cm; larguras, máxima no topo do lado norte 31 cm e mínima no topo do lado sul 25 cm; altura 8,5 cm.
 10 — Comprimento não definido, pelo facto de só se encontrar convenientemente limitado pelo topo do lado sul; largura 29 cm e altura 10 cm.
 11 — Comprimento não definido, pelas mesmas razões já apontadas para o degrau anterior; largura 61 cm e altura 1 cm.
 12 — Comprimento não definido, pelas razões já apontadas para os degraus 10 e 11; largura 115 cm e altura 3,5 cm.

Em resumo — Na primeira série de degraus (série cd ou da esquerda quem sobe) a largura máxima é de 114 cm e a mínima de 13 cm. O comprimento varia entre 83 e 48 cm e a altura entre 3 e 20 cm.

Na segunda série (série ef ou da direita quem sobe), a largura varia entre 115 e 25 cm. Os comprimentos (cujas medidas foi possível determinar), estão compreendidos entre 61 e 78 cm e as alturas entre 1 e 11 cm.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO ACTUAL

Dadas as suas características monolíticas e a resistência do material (granito), não apresenta sinais evidentes de qualquer danificação. Não restam dúvidas, porém, de que o mesmo já foi sujeito a depredações, talvez na mira de tesouros ou recolha de objectos para coleccionadores de antiguidades.

A norte e a leste existem amontoados de terra saibrosa, com muitos fragmentos de ardósia e tijolo grosseiro de pequenas dimensões. Tudo parece indicar que esta terra foi removida, em parte talvez de cima do monumento.

Poder-se-á admitir que estes fragmentos de ardósia pertenceram a lages de cobertura das duas pias rectangulares?

Algumas pedras de grandes dimensões, dispostas a Norte e Nordeste, a poucos metros de distância das *Pias dos Mouros*, parecem constituir o resto de um conjunto que, disposto em semicírculo, limitariam uma zona de protecção ao monumento. Trata-se, no entanto, de uma hipótese apoiada em dados cheios de interrogações!...

Entre o monumento e as referidas pedras de granito, existe uma espessura de solo que deve atingir, nalguns pontos, os 50 ou 60 cm. Creio que seria de interesse a realização de uma prospecção neste local, a fim de averiguar se alguma ligação poderá existir entre as *Pias dos Mouros* e estes monólitos.

LENDÁRIO

Pias de Mouros; dos mouros e das mouras encantadas, que, quando os raios solares aquecem a encosta pedregosa, vêm secar e expor à cobiça dos mortais os seus tesouros. Aqui, são meadas e meadas de fios de ouro, mas... só de longe podem ser observados!... Quando, mesmo que surratemente, alguém se aproxima na mira de se apoderar ou pelo menos observar de perto o valoroso metal, tudo desaparece como que por encanto.

CONCLUSÃO

Nas *Pias dos Mouros* não foi encontrada, que eu tenha conhecimento, qualquer inscrição.

A padieira de uma porta carral com uma inscrição romana, situada no Bairro do Meio (Argeriz), em casa do Senhor Adriano José Elias, mede $3,72 \times 0,47 \times 0,21$ e julgo não ter algum dia pertencido a este monumento. Além de uma data indecifrável na parte superior central, pode ler-se a todo o seu comprimento:

«HODIE DECIMO SETIMO KALENDAS OCTOBRIS»

Segundo informações obtidas, também, na vizinha povoação de Argeriz, teriam sido encontradas, nas *Pias dos Mouros*, algumas moedas de cobre. Mas, mesmo sem inscrições e sem moedas, as *Pias dos Mouros*, como qualquer outro documento arqueológico tem, em si, uma mensagem a transmitir — a função desempenhada na civilização de que fez parte.

A presença, nos materiais removidos, de fragmentos de tijolo grosseiro leva-nos a formular a hipótese de que se trata de um monumento da época da ocupação romana, de que existem muitos outros vestígios nas proximidades.

A forma, dimensões e profundidade das duas cavidades que dele fazem parte, bem como a grande quantidade de degraus sem qualquer utilidade aparente senão a de subir e descer, pois

que o lajedo em que foram cavados se encontra ao nível do terreno, leva-nos a admitir a hipótese de se tratar de um *monumento cultural*, um santuário rupestre de sacrifício aos deuses, estando as duas séries paralelas de degraus relacionadas com as características do ritual utilizado, que não é fácil desvendar.

O Castro de Ribas fica a uns 700 m das Pias dos Mouros. Não é muito plausível que este monumento arqueológico estivesse na dependência do Castro de Ribas.

É mais lógico pôr a hipótese de que aquele santuário estava dependente ou ligado às práticas culturais das gentes da estação arqueológica anexa (vd. Fig. 2).

Guimarães
Outubro 1978

Desenhos e fotografias do autor

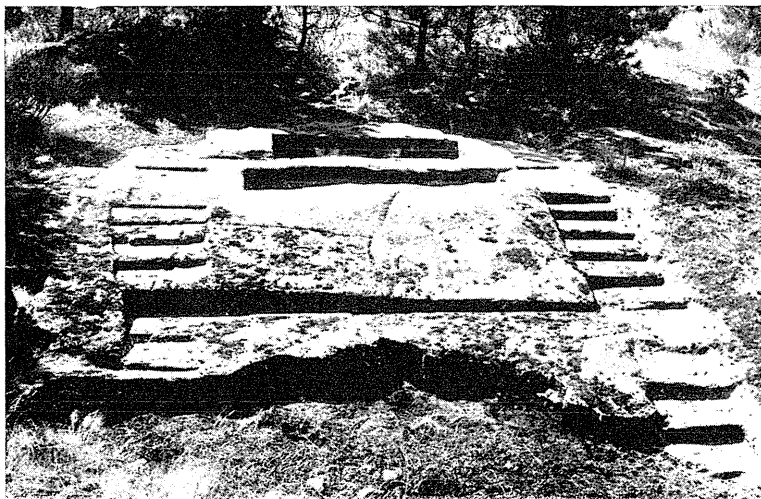


Fig. 6 — Vista de conjunto do santuário das Pias dos Mouros.



Fig. 7 — Pias do santuário.



Fig. 9 — Escada de acesso às pias pela esquerda.

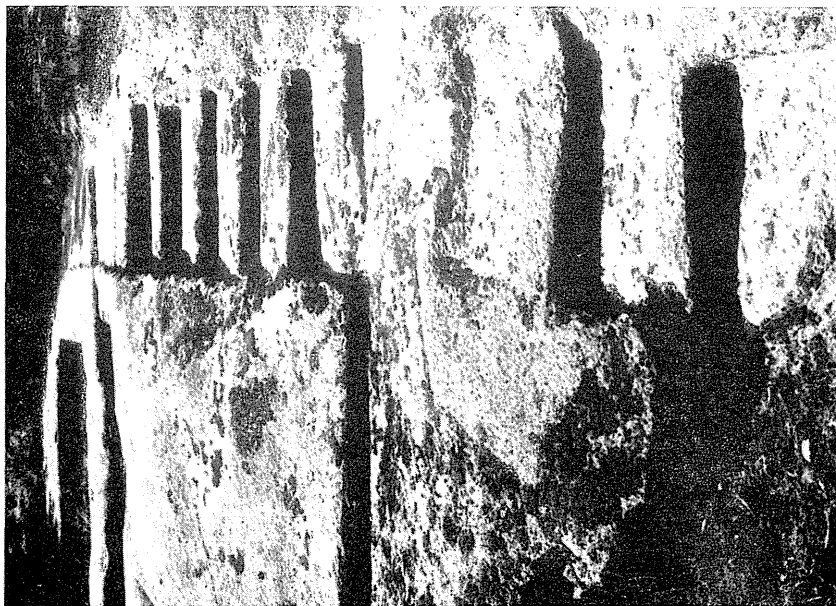


Fig. 8 — A escada de acesso às pias pela direita.